



O coordenador da investigação, Alexandre Tavares



Recolhas de água para análise em diversos troços do Mondego e afluentes

Fogos despejaram sedimentos no Mondego, mas sem risco para a saúde pública

Uma dezena de recolhas de água em diversos pontos do Mondego e de sete dos seus afluentes permitiu determinar um padrão do (baixo) teor de contaminação da Bacia Hidrográfica do Mondego, em consequência dos fogos de verão

Os grandes fogos da região Centro do ano passado, principalmente o de 16 de outubro, provocaram efeitos na Bacia Hidrográfica do Mondego, com “um aumento considerável de alumínio, ferro e manganês”, mas sem colocar em risco a saúde pública, concluíram investigadores da Universidade de Coimbra.

Os investigadores, que desenvolveram o estudo entre novembro de 2017 (“um mês após os incêndios”) e junho deste ano, “monitorizaram dez pontos de amostragem (em municípios como Arganil, Tábua, Oliveira do Hospital, Mortágua e Lousã) de sete linhas de água, nos seus parâmetros físicos e químicos, da bacia hidrográfica do rio Mondego, que foi afetada em cerca de 30% de área ardida, para detetar e avaliar quais as alterações nas propriedades da água, assim como o tipo de sedimentos formados após os incêndios”, refere a equipa de investigadores do Centro de Estudos Sociais (CES) e do Departamento de Ciências da Terra (DCT) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Cinzas e turbidez elevada

Verificou-se que “as águas do Mondego e alguns dos seus efluentes têm uma grande quantidade de sedimentos em suspensão (constituintes do solo, por exemplo, cinzas) e turbidez relativamente elevada”, as-



Estudo realizado entre novembro de 2017 (um mês após os incêndios) e junho deste ano, monitorizando dez pontos de sete linhas de água, nos seus parâmetros físicos e químicos

- 1 Só houve afetação ocasional da água
- 2 Recorreu-se por duas vezes a fontes alternativas

signala Alexandre Tavares, docente da Faculdade de FCTUC e coordenador do estudo.

Por outro lado, “positivamente, observa-se que os hidrocarbonetos aromáticos policíclicos, substâncias com propriedades carcinogénicas, mutagénicas e teratogénicas, que podem ser formadas durante o processo de combustão de matéria vegetal, apresentam valores muito residuais, chegando mesmo a não ser encontrados, não pondo em risco a saúde pública”, sublinhou o investigador.

Mesmo assim, foi registada “a afetação ocasional da qualidade da água para abastecimento público, tendo sido necessário recorrer a fontes alternativas de abastecimento de água em dois municípios ou a melhorar o sistema de depuração e filtragem”, indica a UC.

A degradação ambiental afetou ainda inúmeros espaços fluviais de lazer, levando as autoridades a proceder a ações de limpeza e de estabilização de vertentes, ou a não hastingear a bandeira azul em praias fluviais.

Análises ao Mondego faz parte de projeto global

Realizada no âmbito do projeto europeu “RiskAquaSoil: Plano Atlântico de Gestão de Riscos no Solo e na Água”, a investigação conta com 40 investigadores de vários países e tem como “objetivo central o de detetar os impactos das alterações climáticas nos espaços rurais”.

“Os parceiros do projeto irão combater os efeitos adversos das mudanças climáticas, especialmente nas áreas agrícolas”, considerando três objetivos específicos: aviso precoce e diagnóstico (testando novas tecnologias remotas ‘low-cost’ para medir e prever os impactos locais), implementação e adaptação (realizando ações piloto com comunidades dos espaços rurais para uma melhor gestão do solo e da água, tendo em conta os riscos associados às alterações climáticas) e capacitação e difusão (através de formação e compromisso das comunidades locais e agricultores para um aumento da capacitação e informação para a gestão do risco e dos sistemas de compensação de danos), adianta a UC.